

# O Concílio Vaticano II, a *Dei verbum* e o lugar das Escrituras Sagradas na Igreja Católica

*The Second Vatican Council, Dei Verbum, and the Place of the Sacred Scriptures in the Catholic Church*

Acyr de Gerone Junior\*

## Resumo

O Concílio Vaticano II representou um marco de renovação na Igreja Católica, destacando-se pela constituição dogmática *Dei Verbum*, que reposicionou as Sagradas Escrituras no centro da vida e da missão eclesial. Assim sendo, este artigo analisa o contexto histórico que levou à convocação do Concílio, as principais orientações da *Dei Verbum* e sua aplicação prática na liturgia, na catequese, na pastoral e no diálogo ecumênico, bem como os desafios contemporâneos relacionados à hermenêutica bíblica, ao diálogo com a cultura e à prevenção do fundamentalismo religioso em diferentes contextos socioculturais. A pesquisa, de caráter qualitativo, histórico-descritivo e analítico, fundamenta-se no texto conciliar, em documentos eclesiás posteriores e em contribuições de teólogos e exegetas. Conclui-se que o Concílio Vaticano II não apenas incentivou o acesso e a leitura das Escrituras Sagradas, mas também estabeleceu princípios duradouros para sua interpretação e uso pastoral, os quais permanecem profundamente relevantes para a missão da Igreja no século XXI.

---

\* O presente artigo é fruto de um capítulo da tese de doutorado defendida na PUC-Rio: GERONE JUNIOR, A., Uma história da difusão das Escrituras Sagradas: a atuação das Sociedades Bíblicas no Brasil.

**Palavras-chave:** Concílio Vaticano II. *Dei Verbum*. Bíblia. Igreja Católica. Renovação bíblica.

## Abstract

The Second Vatican Council represented a milestone of renewal within the Catholic Church, standing out for the dogmatic constitution *Dei Verbum*, which repositioned the Holy Scriptures at the center of ecclesial life and mission. This article examines the historical context that led to the convocation of the Council, the main guidelines of *Dei Verbum*, and its practical application in liturgy, catechesis, pastoral work, and ecumenical dialogue, as well as contemporary challenges related to biblical hermeneutics, engagement with culture, and the prevention of religious fundamentalism in different sociocultural contexts. The research, of a qualitative, historical-descriptive, and analytical nature, is based on the conciliar text, subsequent ecclesial documents, and contributions from theologians and biblical scholars. It concludes that the Second Vatican Council not only encouraged access to and the reading of the Holy Scriptures but also established enduring principles for their interpretation and pastoral use, which remain profoundly relevant to the Church's mission in the 21st century.

**Keywords:** Second Vatican Council. *Dei Verbum*. Bible. Catholic Church. Biblical Renewal.

## Introdução

O Concílio Vaticano II (1962–1965) representou um marco decisivo na história recente da Igreja Católica Apostólica Romana, trazendo reformas profundas que impactaram a liturgia, a teologia e a relação da instituição com o mundo contemporâneo. Entre os documentos produzidos, a constituição dogmática *Dei Verbum* destacou-se por redefinir o lugar das Sagradas Escrituras na vida e na missão eclesial. Ao enfatizar a centralidade da Palavra de Deus, incentivar o acesso direto dos fiéis ao texto bíblico e propor novas abordagens hermenêuticas, o documento consolidou um processo de renovação

iniciado nas décadas anteriores e respondeu a desafios históricos, culturais e pastorais que ainda ecoam na atualidade.

Com base nestes aspectos, o objetivo deste artigo é analisar, a partir do texto da *Dei Verbum* e de sua recepção posterior, a evolução do papel das Escrituras na Igreja Católica, tanto em sua dimensão interna — liturgia, catequese e espiritualidade — quanto em sua dimensão externa — diálogo ecumênico e evangelização. Parte-se da hipótese de que o Concílio Vaticano II não apenas reforçou a leitura e o estudo bíblico no contexto católico, mas também estabeleceu um paradigma de relação entre Escritura, Tradição e Magistério que continua a orientar a ação pastoral e o pensamento teológico contemporâneo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter histórico-descritivo e analítico. O corpus central é constituído pelo texto da *Dei Verbum*, complementado por documentos conciliares e pós-conciliares, como *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (2010), além de orientações da Pontifícia Comissão Bíblica. Também são considerados aportes bibliográficos de teólogos e exegetas que estudaram o impacto da renovação bíblica na Igreja.

O trabalho organiza-se em três eixos interligados: primeiramente, examina-se o contexto histórico e as motivações do Concílio Vaticano II, destacando as condições que levaram à sua convocação e à inclusão da temática bíblica como pauta central; em seguida, analisa-se o conteúdo e a aplicação prática da *Dei Verbum*, com atenção às mudanças na liturgia, na catequese, na pastoral e nas iniciativas ecumênicas; por fim, discutem-se os desafios contemporâneos e as perspectivas futuras, abordando a hermenêutica bíblica, o diálogo com a cultura, a prevenção contra o fundamentalismo e a necessidade de manter vivo o impulso dado pelo Concílio.

A análise, fundamentada na leitura atenta dos textos normativos e da bibliografia especializada, busca articular a reflexão teológica com a prática pastoral, oferecendo uma visão crítica e abrangente do processo de renovação bíblica inaugurado pelo Concílio Vaticano II e de suas implicações para a Igreja Católica Apostólica Romana no presente.

## 1. Contexto histórico e motivações do Concílio Vaticano II

Entre outros aspectos, a abertura à leitura da Bíblia e a necessidade de tratar questões pertinentes à vida da Igreja na contemporaneidade instigaram a convocação de mais um Concílio da Igreja Católica Apostólica Romana. Foi sob essa perspectiva que o Concílio Vaticano II foi anunciado e convocado pelo papa João XXIII.

Não obstante, a convocação do Concílio por João XXIII, anunciada em 1959 e formalizada com a bula *Humanae Salutis* em 1961, não surgiu de uma demanda doutrinal urgente, como ocorreria em concílios anteriores, mas de uma intuição pastoral e profética: a necessidade de abrir a Igreja à escuta do Espírito em um mundo em rápida transformação<sup>1</sup>. João XXIII falava em *aggiornamento*, ou seja, uma atualização do modo de a Igreja se relacionar com a cultura moderna, sem renunciar à sua identidade<sup>2</sup>. A redescoberta das fontes bíblicas e patrísticas, já em curso entre teólogos e exegetas, parecia um caminho promissor para essa renovação. Nesse contexto, a centralidade das Escrituras emergiu não como uma reação teológica, mas como uma exigência espiritual e pastoral<sup>3</sup>.

Como sempre ocorre de forma prévia à reunião do colégio episcopal, criou-se uma comissão que deveria estabelecer os assuntos mais significativos que deveriam ser contemplados durante o Concílio. Após a audição de bispos do mundo inteiro, que apresentaram a realidade e os problemas que as igrejas enfrentavam em seus respectivos países, constatou-se que “os temas ligados à Sagrada Escritura despertaram muito interesse”<sup>4</sup>.

Esse interesse refletia um movimento já presente desde o início do século XX, com o avanço da exegese histórico-crítica e o incentivo de documentos pontifícios, como a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943), de Pio XII<sup>5</sup>, que encorajava o estudo científico das Escrituras. Além disso, a experiência da guerra e da reconstrução pós-guerra havia revelado a necessidade de uma fé mais enraizada na Palavra de Deus. Os bispos sinalizavam que a renovação da

<sup>1</sup> JOÃO XXIII, PP., *Humanae Salutis*.

<sup>2</sup> CONGAR, Y., Verdadera y falsa reforma en la Iglesia.

<sup>3</sup> KOMONCHAK, J., La lucha por el concilio durante la preparación, p. 155-331.

<sup>4</sup> LOPES, G., *Dei verbum*, p. 85.

<sup>5</sup> PIO XII, PP., *Divino Afflante Spiritu*.

vida cristã só seria possível se os fiéis tivessem maior acesso à Bíblia — não apenas como objeto litúrgico, mas como fonte viva de espiritualidade e missão<sup>6</sup>.

Obviamente, o Concílio não se limitou a esse assunto, mas não há dúvidas de que foi um assunto que instigou uma ação renovada da Igreja pós-Concílio. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o Concílio “refez a Igreja Católica em muitos aspectos e, em certa medida, o próprio cristianismo”<sup>7</sup>.

Foi um despertar de esperança para a fé católica no mundo todo diante do mundo moderno. Frente à abrangência de assuntos tratados no Concílio, a análise desse artigo se limita aos aspectos relacionados às Escrituras Sagradas, visto ser esse o objeto desta pesquisa<sup>8</sup>. Nessa perspectiva, cabe dizer que “o Concilio destacou, de forma positiva e expressa, o valor e a necessidade da Sagrada Escritura”<sup>9</sup> na vida da Igreja Católica.

Como decorrência de tal afirmativa, entre os aspectos mais importantes resultantes do Concílio está a constituição dogmática *Dei Verbum*<sup>10</sup>, que para Mannucci representa “a consagração oficial da renovação bíblica no campo católico”<sup>11</sup>. De fato, trata-se de uma ênfase significativa da Igreja em sua relação com as Escrituras, visto que “antes do Concílio, com efeito, o interesse pela Bíblia era visto como ‘uma forma de protestantização’ da Igreja”<sup>12</sup>. Um exemplo dessa ênfase ressaltada no documento se dá na própria afirmação da “transcendência da Palavra de Deus sobre o Magistério da Igreja”<sup>13</sup>, conforme preconiza a *Dei Verbum*<sup>14</sup>.

Tal afirmação marcava uma ruptura significativa com certas práticas do período pós-tridentino, em que o acesso à Bíblia era rigidamente mediado pelo Magistério, e a tradição era, em certos momentos, sobrevalorizada em

<sup>6</sup> BROWN, R. E., *The Critical Meaning of the Bible*.

<sup>7</sup> VASCONCELOS, P. L., *O Vaticano II e a leitura da Bíblia*, p. 7.

<sup>8</sup> Por exemplo, o documento trata de forma abrangente o aspecto da Tradição colocada ao lado da Sagrada Escritura.

<sup>9</sup> LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. II, p. 207.

<sup>10</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Dei Verbum*, *passim*. Vale ressaltar que o documento, “embora fale muito da Sagrada Escritura, não é um documento sobre a Bíblia e sim sobre a Revelação Divina”. LOPES, G., *Dei verbum*, p. 51.

<sup>11</sup> MANNUCCI, V., *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 9.

<sup>12</sup> LOPES, G., *Dei verbum*, p. 64.

<sup>13</sup> MANNUCCI, V., *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 38.

<sup>14</sup> “O Magistério não é superior à Palavra de Deus, mas está a serviço dela” (DV 10).

detrimento da Escritura. A *Dei Verbum*, sem negar a importância da Tradição e do Magistério, restitui à Palavra de Deus seu papel originário e dinamizador, afirmando que é da escuta da Escritura que brota toda a vida eclesial<sup>15</sup>. Isso abriu caminho para uma hermenêutica mais aberta, dialógica e pastoral, em sintonia com o espírito do Concílio e com a necessidade de uma Igreja que anuncie a Boa Nova com autenticidade no mundo contemporâneo<sup>16</sup>.

## **2. A *Dei Verbum* e a renovação bíblica na vida e missão da Igreja**

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, reforça em seus números 21 a 25 a centralidade das Escrituras na vida da Igreja, destacando diversos aspectos fundamentais que se entrelaçam e revelam uma compreensão ampla e profunda do papel da Palavra de Deus.

No parágrafo 21, a Escritura é apresentada como alimento da alma, de certa forma comparável à Eucaristia, sendo essencial à vida cristã. A liturgia deve ser impregnada da Palavra, não apenas nas leituras proclamadas, mas também nas orações, salmos e homilias, que precisam brotar da escuta fiel da Escritura, e não de opiniões pessoais. A pregação autêntica nasce do encontro com a Palavra de Deus, tornando-se canal de graça e verdade.

O parágrafo 22 trata da necessidade das traduções da Bíblia, reconhecendo o direito dos fiéis de terem acesso à Palavra em sua própria língua. O texto recomenda que as traduções sejam feitas a partir dos textos originais e, quando possível, em colaboração com outros cristãos, promovendo a unidade e a difusão do Evangelho. Trata-se de um passo decisivo que rompe com a visão restritiva das Escrituras, democratizando o acesso e reconhecendo o direito de todos os fiéis à Palavra viva de Deus.

Já o parágrafo 23 enfatiza a importância dos estudos bíblicos e da exegese. A Igreja valoriza o trabalho dos exegetas que, com métodos científicos apropriados e guiados pela fé, buscam compreender melhor o contexto, a intenção e o significado dos textos sagrados. O uso das ciências humanas, da arqueologia e da história não é visto como ameaça, mas como serviço necessário

---

<sup>15</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Dei Verbum*.

<sup>16</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da Bíblia na Igreja.

à inteligência da fé. A exegese, longe de ser um campo restrito aos especialistas, torna-se ponte entre o texto bíblico e a vida concreta da comunidade.

No parágrafo 24, a *Dei Verbum* declara que a Sagrada Escritura deve ser a alma da teologia. Toda elaboração teológica deve ter suas raízes na Palavra de Deus, e não apenas em construções abstratas. A teologia nasce do diálogo profundo e constante com a Escritura, e isso também se aplica à pregação, que deve ser inspirada, sustentada e iluminada pela Palavra. Sem essa base, a pregação corre o risco de se tornar moralista, ideológica ou superficial.

Finalmente, o parágrafo 25 dirige-se diretamente aos fiéis, incentivando a leitura frequente da Bíblia. A Igreja recomenda a prática da *lectio divina*, leitura orante da Palavra, onde se escuta, medita, ora e contempla. A intenção é clara: fazer com que a Escritura esteja no centro da vida espiritual dos cristãos, como fonte de oração pessoal, formação da consciência e crescimento na fé. Assim, a Bíblia não é um livro reservado ao clero ou aos estudiosos, mas um dom oferecido a todo o povo de Deus.

Em conjunto, esses aspectos destacados evidenciam que a *Dei Verbum* aponta para um princípio fundamental: o acesso à Sagrada Escritura é um direito dos fiéis<sup>17</sup>. Esse direito exige da Igreja o compromisso de garantir esse acesso em todas as esferas — por meio de traduções acessíveis, pregação sólida, formação bíblica, incentivo à oração com a Palavra e valorização da teologia enraizada na Escritura. Deste modo, a Palavra de Deus deixa de ser um tesouro escondido e se torna fundamento vivo da fé, da liturgia, do pensamento e da ação da Igreja.

De forma indireta, se ressalta a importância do trabalho das diversas organizações/sociedades que traduzem e difundem a Bíblia, não se limitando somente às organizações católicas, como anteriormente. Os esforços resultaram numa tentativa de aproximação com os protestantes, na qual se analisou a possibilidade de que se desenvolvesse um trabalho de cooperação nas traduções bíblicas, a saber:

Visto que a palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados. Se, porém, segundo a oportunidade e com a aprovação da autoridade da Igreja, **essas traduções se**

---

<sup>17</sup> MALZONI, C. V., As edições da Bíblia no Brasil, p. 129.

fizerem em colaboração com os irmãos separados, poderão ser usadas por todos os cristãos<sup>18</sup>.

São duas aberturas significativas. A primeira é a possibilidade de traduções vernáculas, e a segunda é a possibilidade de cooperação com os protestantes (chamados de irmãos separados) em trabalhos de tradução, onde for possível. Obviamente, essa aproximação, em muitos países, se torna difícil, principalmente por parte de alguns grupos protestantes que rejeitam esse tipo de cooperação no trabalho bíblico. Contudo, considerando que a Bíblia não é nem católica, nem protestante, torna-se intrigante constatar esse tipo de restrição; afinal, a Bíblia é o livro da igreja cristã.

Os resultados positivos deste Concílio resultaram, ainda, em um grande movimento em torno da Bíblia por parte da Igreja Católica no século XX e início do século XXI. O surgimento da Federação Bíblica Católica é um exemplo. Por meio dessa organização, a Igreja estimulou que em cada diocese e em cada estrutura fundamental para a vida da Igreja fosse instituída uma pastoral bíblica.

O documento da Pontifícia Comissão Bíblica *A Interpretação da Bíblia na Igreja*<sup>19</sup>, publicado em 1993, foi um outro marco na difusão das Escrituras no seio católico. Esse documento, “unanimemente saudado por seu equilíbrio e sua abertura, corresponde perfeitamente aos esforços realizados no campo para devolver a Bíblia aos católicos”<sup>20</sup>. Schwantes, que coordenou a edição da *Bibliografia Bíblica Latino-americana*, destaca que esse documento deu força à Bíblia dentro da Igreja, resultando em várias obras produzidas a partir dele<sup>21</sup>.

Todas essas ações, aprofundadas desde o Concilio Vaticano II, fizeram com que fiéis, clérigos e teólogos se unissem, fazendo emergir no meio católico um grande movimento bíblico. Entre outros aspectos, muitas Bíblias foram traduzidas e publicadas, obras bíblicas para adultos e crianças foram produzidas, escolas bíblicas foram fundadas, círculos bíblicos foram estimulados, vigílias bíblicas de oração se desenvolveram e, assim, as Escrituras Sagradas passaram a

<sup>18</sup> DV 22 (grifo nosso).

<sup>19</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*.

<sup>20</sup> CANNUYER, C.; POSWICK, R., *Catolicismo e Bíblia*, p. 286.

<sup>21</sup> SCHWANTES, M., *Bibliografia bíblica latino-americana*, p. 37.

ser significativamente lidas e difundidas entre os católicos. Cairns destaca ainda o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, que são “constituídas de leigos que estudam a Bíblia e a aplicam à sua situação social”<sup>22</sup>.

Carlos Mesters ressalta, nesse sentido, a importância que a leitura da Bíblia tem na vida das pessoas, em sua maioria pobres, que constituem essas Comunidades Eclesiais de Base. Em sua leitura, ele destaca que a Bíblia tem sido para o povo: o livro da comunidade; o livro da história do passado, mas também do presente; o livro que dá sentido à vida; o livro que leva à oração e ao exercício da fé; o livro que leva a uma prática em busca da dignidade; o livro que contribui para a superação das mazelas sociais; o livro que envolve toda a comunidade em sua perspectiva de vida e fé. Como se constata, a Bíblia se constitui, assim, como o livro da vida e da esperança<sup>23</sup>.

Na liturgia, o Concílio Vaticano II realizou uma mudança que urgia, por ser extremamente necessária. A língua utilizada na liturgia era, até então, o latim. Como resultado do Concílio, mesmo não abolindo o latim como língua oficial do Vaticano, se permitiu que cada Igreja local celebre a missa na língua vernácula onde se encontra. Tal realidade contribuiu para que as Escrituras também passassem a ser lidas na língua do povo, do jeito que eles entendem.

Doravante, os católicos ouvem em sua língua materna três leituras bíblicas nas missas dominicais e festivas, ao passo que a homilia deve partir o mais possível desses textos e analisar seu conteúdo doutrinal e espiritual. [...] Para muitos católicos, a antiga “missa dos catecúmenos”, hoje “liturgia da Palavra”, reveste-se de uma importância igual à liturgia eucarística. Ela faz surgir a Palavra de Deus no seio da comunidade viva da Igreja e perpetua com eficácia a transmissão da Revelação divina<sup>24</sup>.

A vida da Igreja ganhou, portanto, um novo sentido sob a influência da Palavra de Deus. Mesmo não tendo como analisar cada denominação ou cada igreja protestante em particular, é razoável acreditar que os católicos leiam bem mais a Bíblia em sua liturgia quando comparados com muitos cultos de algumas igrejas evangélicas. Ao que parece, boa parte de cultos neopentecostais e algumas

<sup>22</sup> CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 524.

<sup>23</sup> MESTERS, C., Flor sem defesa, p. 11-29.

<sup>24</sup> CANNUYER, C.; POSWICK, R., Catolicismo e Bíblia, p. 288.

igrejas emergentes, principalmente, têm se distanciado significativamente da centralidade da Palavra de Deus que os reformadores tanto tinham instigado. O entretenimento e a lógica de mercado tomaram o lugar da Palavra. A partir dessa perspectiva mais ampla e geral, constata-se que essa é uma realidade que reflete um certo distanciamento do movimento evangélico em relação às Escrituras, tanto numa perspectiva histórica quanto bíblica; afinal, “a leitura da Escritura em um cenário litúrgico data da Igreja Primitiva e foi em parte herdada pelos cristãos da prática judaica no serviço da sinagoga”<sup>25</sup>.

Retornando ao aspecto católico, Gudorf reitera que há uma “entusiástica resposta dos leigos à recomendação sobre a leitura da Bíblia”<sup>26</sup>. Mesters<sup>27</sup>, nesse ínterim, destaca certos aspectos que contribuíram para a leitura da Bíblia entre os católicos no Brasil desde o Concílio Vaticano II, tais quais: realização de Semanas Bíblicas, desenvolvimento de traduções da Bíblia em língua vernácula (existem muitas traduções católicas da Bíblia em português, no Brasil, por exemplo), escassez de presbíteros, o que, como consequência, permitiu uma maior participação de leigos na Celebração da Palavra, e a formação de uma catequese mais bíblica. Dessarte, “antes, a Bíblia era ouvida dentro do contexto sacral da liturgia. Hoje, ela é lida dentro do ambiente familiar da casa, das reuniões populares”<sup>28</sup>. Nessa perspectiva, Cavalcanti resume a caminhada católica em torno da Bíblia da seguinte forma:

A leitura popular da Bíblia se desenvolve mais especialmente a partir dos anos 70, paralelamente ao surgimento das Comunidades Eclesiais de Base. No início, tratava-se simplesmente das leituras de cada domingo na liturgia que substituía a eucaristia, lá onde o padre não podia comparecer. Pouco a pouco as pessoas começaram a se reunir para comentar os textos e ver como eles podiam iluminar a vida cotidiana. Assim nasceram os primeiros círculos bíblicos. Depois eles passaram a se articular nas paróquias e dioceses, independentemente das liturgias dominicais, pelo simples desejo das pessoas de conhecer e entender melhor a Bíblia. Essa iniciativa se espalhou rapidamente nas diversas regiões do Brasil e da América Latina, sempre tentando encontrar as relações entre a vida

<sup>25</sup> FITZMYER, J. A., *A Bíblia na Igreja*, p. 105.

<sup>26</sup> GUDORF, C., *O Magistério e a Bíblia*, p. 90.

<sup>27</sup> MESTERS, C., *Ouvir o que o Espírito diz às igrejas*; MESTERS, C., *Flor sem defesa*, p. 188-202.

<sup>28</sup> MESTERS, C., *Por trás das palavras*, p. 38.

e a “Palavra de Deus”. Surgiu então um interesse crescente pela Bíblia, e muitos textos começaram a ser lidos e comentados pelo povo mais pobre, com a ajuda de agentes de pastoral preparados para isso<sup>29</sup>.

Por isso, como bem instiga a *Dei Verbum* 25, importa que a leitura bíblica, individual, em grupos de estudo ou em família, continue a ser estimulada; afinal, a leitura das Escrituras realizada somente na liturgia, mesmo que seja “o lugar privilegiado em que os cristãos entram em contato com a Palavra de Deus”<sup>30</sup>, não é suficiente para que o povo conheça as Escrituras. Tal medida é necessária justamente porque existem certos livros bíblicos que não compõem a leitura litúrgica, seja ela anual ou trienal. A proposta de leitura pelo método da *Lectio Divina*<sup>31</sup>, que ganhou impulso a partir do Concílio (*Dei Verbum* 25), é um caminho seguro para tal estímulo; afinal, “a Bíblia é um dos veículos para o povo poder estar em contato permanente com Deus”<sup>32</sup>. O destaque concedido pela *Dei Verbum* 25 sobre esses aspectos refletidos acima pode ser percebido em seu próprio texto, conforme segue:

É necessário, por isso, que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes de Cristo e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um contato íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne “pregador vâo e superficial da palavra de Deus por não a ouvir de dentro”, tendo, como têm, a obrigação de comunicar aos fiéis que lhes estão confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia. Do mesmo modo, o sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” (Fil. 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque “a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo”. Debrucem-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão

<sup>29</sup> CAVALCANTI, T. M. P., A leitura popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM, p. 77-78.

<sup>30</sup> MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 405.

<sup>31</sup> A *Lectio Divina*, ou Leitura Orante, é um método tradicional de oração e meditação da Bíblia na tradição cristã, especialmente na Igreja Católica. O objetivo é promover um encontro pessoal com Deus através da leitura e reflexão da Palavra.

<sup>32</sup> MESTERS, C., Flor sem defesa, p. 182.

louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem; porque “a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”<sup>33</sup>.

Trata-se de um incentivo claro para que todos os católicos, leigos e presbíteros, valorizem, leiam, divulguem e vivam as Escrituras de forma significativa e contínua no cotidiano. Afinal, o texto reforça que esse compromisso não é opcional, mas parte integrante da vocação cristã, especialmente para aqueles que exercem ministérios da Palavra, como padres, diáconos e catequistas. A eles se exige não apenas o conhecimento técnico das Escrituras, mas uma escuta interior, profunda, que transforme a pregação em testemunho vivo.

Ao mesmo tempo, todos os fiéis são chamados a mergulhar na “sublime ciência de Jesus Cristo” por meio da leitura frequente e orante da Bíblia, lembrando que desconhecer as Escrituras é, na verdade, desconhecer o próprio Cristo – conforme afirmou São Jerônimo. Essa prática deve acontecer não como uma obrigação externa, mas como uma experiência espiritual íntima, vivida com gosto e constância, sustentada pela oração que transforma a leitura em diálogo com Deus. Aponta-se, assim, para uma Igreja profundamente enraizada na Palavra, em que cada fiel se torna ouvinte e portador da voz de Deus no mundo.

Outra área da Igreja Católica que ganhou significativa importância nas últimas décadas é a evangelização. Na verdade, no atual contexto católico, o termo mais apropriado seria ‘Nova Evangelização’. Esse conceito está no centro das preocupações pastorais da Igreja desde o *Documento de Medellín*, pelo menos. Mas a maior ênfase foi dada, de fato, na Assembleia do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, em 1992<sup>34</sup>.

Dentro da Igreja, percebeu-se que o conceito de “cristandade” em que as pessoas são católicas por simplesmente nascerem em uma família ou em um país cristão — e depois passam por certos ritos (batismo, casamento etc.) —

---

<sup>33</sup> DV 25.

<sup>34</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV, Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: Jesus Cristo ontem, hoje e sempre.

não é suficiente para o bom desenvolvimento da fé. Sendo assim, esse tipo de fiel precisa passar por uma Nova Evangelização que, entre outros aspectos, resgata a importância da Bíblia nesse desafio missionário contemporâneo.

Mesters, ao descrever esse desafio sob a ótica da relação entre eclesialidade e missão, pressupõe que as experiências bíblicas do povo de Deus na história constituem um paradigma que precisa ser visitado pela Igreja de hoje. Em outras palavras, a Igreja precisa olhar para a Bíblia, aprender com ela para, a partir dela, contextualizando corretamente, conseguir realizar de forma relevante e bíblica sua tarefa de evangelização e missão. Para ele, é preciso “acender a lâmpada da Escritura para que a Palavra de Deus possa iluminar o caminho”<sup>35</sup>. Nessa perspectiva, a “Sagrada Escritura é a grande fonte de alimentação e dinamização da espiritualidade da Nova Evangelização”<sup>36</sup>. A Bíblia se estabelece, portanto, como um paradigma de evangelização e missão na vida da Igreja.

### **3. Desafios contemporâneos e perspectivas futuras**

A partir das considerações refletidas até aqui, cabe ressaltar alguns aspectos importantes sobre o ensinamento da Igreja Católica a respeito da leitura da Bíblia no contexto atual. Em primeiro lugar ficou evidente a forte união que deve haver entre a Sagrada Escritura, a Tradição e o magistério da Igreja (DV 10). Este é um princípio salutar para a Igreja Católica em toda a sua história.

A compreensão dessa tríade — Escritura, Tradição e Magistério — como inseparável foi reafirmada pelo Catecismo da Igreja Católica<sup>37</sup> (n. 95), e mostra-se essencial para evitar leituras isoladas e reducionistas da Bíblia. Trata-se de um modelo de autoridade dinâmica e relacional, no qual a Palavra de Deus não é um texto frio e distante, mas uma realidade viva, transmitida, interpretada e encarnada no corpo eclesial. Assim, a fidelidade à Revelação passa necessariamente por uma escuta atenta da tradição viva da Igreja, em comunhão com seu magistério pastoral e teológico. Nesse sentido,

<sup>35</sup> MESTERS, C., Eclesialidade e missão, p. 29.

<sup>36</sup> MESTERS, C., A Bíblia na nova evangelização, p. 6.

<sup>37</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.

A tradição não é uma fonte de fé independente da escritura. A tradição na Igreja é a "transmissão total e viva da verdade na Igreja hierárquica, cujo órgão central é a escritura inspirada". A escritura precisa ser explicada. Ela só mantém o seu significado completo e autêntico quando permanece "imerso nesta tradição viva da igreja"<sup>38</sup>

Por outro lado, a igreja também busca instigar uma leitura das Escrituras baseada no reconhecimento dos gêneros literários específicos (históricos, proféticos, poéticos ou outros), através dos quais os autores sagrados se expressaram. Nesse sentido, importa que o intérprete contemporâneo busque o sentido que estes autores bíblicos em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendiam exprimir servindo-se dos gêneros literários então utilizados.

Para se entender corretamente o que os autores sagrados quiseram afirmar, devem-se levar em conta os modos próprios de sentir, dizer ou narrar em uso no tempo deles, como também os modos que então se empregavam frequentemente nas relações entre os seres humanos (DV 12). Em outras palavras, são endossadas as ciências auxiliares e o método histórico-crítico, isto é, o método oficial para a interpretação da Bíblia na Igreja Católica.

Nesse aspecto, uma ressalva se faz necessária. O uso do método histórico-crítico exige maturidade hermenêutica e discernimento eclesial. O Papa Bento XVI, em seu discurso à Pontifícia Comissão Bíblica, alertou que, embora o método científico seja necessário, ele não é suficiente: a interpretação bíblica deve ser feita à luz da fé da Igreja e em diálogo com o Espírito que anima as Escrituras. A exegese puramente acadêmica, quando desvinculada da dimensão espiritual e eclesial da leitura bíblica, corre o risco de tornar-se estéril, ou mesmo contraditória com a própria natureza da Palavra revelada<sup>39</sup>.

Atrelada a essa questão se evidencia a necessidade da realização de um diálogo das Escrituras com a contemporaneidade, incluindo os diversos saberes legítimos por meio de uma correta leitura da realidade. Segundo o Concílio, a lei de toda a evangelização é pregar a Palavra de Deus de maneira adaptada à

<sup>38</sup> LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. II, p. 154-155 (tradução nossa, grifo nosso).

<sup>39</sup> BENTO XVI, PP., Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da plenária da Pontifícia Comissão Bíblica.

realidade dos povos. Deve haver, portanto, um intercâmbio permanente entre a Igreja e as diversas culturas. Para isso, a Igreja Católica expressa a necessidade da ajuda dos que conhecem bem as várias instituições e disciplinas, sejam eles crentes ou não. A Igreja reforça, nesse sentido, o dever de todo o Povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir e interpretar as várias linguagens ou sinais do tempo hodierno, para avaliá-los adequadamente à luz da Palavra de Deus, de modo que a verdade revelada seja melhor percebida, compreendida e apresentada de modo conveniente<sup>40</sup>.

Para além destes aspectos, a Igreja Católica também reitera um alerta contra o extremismo do fundamentalismo bíblico. O documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*<sup>41</sup> traz a seguinte conclusão sobre este assunto:

A abordagem fundamentalista é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida. Ela pode enganá-las oferecendo-lhes interpretações piedosas, mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas. O fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento. Ele coloca na vida uma falsa certeza, pois ele confunde inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem.

De fato, em tempos de polarização ideológica e proliferação de discursos religiosos simplistas, o combate ao fundamentalismo não é apenas uma questão acadêmica, mas pastoral. A leitura fundamentalista ignora a mediação cultural, literária e histórica dos textos sagrados, absolutizando interpretações isoladas e descontextualizadas. Isso enfraquece o testemunho do Evangelho e compromete a missão evangelizadora da Igreja, que exige escuta, diálogo e sensibilidade à complexidade da realidade humana.

Por fim, ainda que a *Dei Verbum* não trate de questões mais atuais, vale a pena refletir sobre o cenário contemporâneo. Afinal, os obstáculos digitais são claros: a fragmentação provocada pelas redes sociais e pelas distrações on-line impede leituras profundas; persiste uma desigualdade de acesso à tecnologia que torna a Bíblia digital um recurso ainda distante de muitos; e a

---

<sup>40</sup> GS 44.

<sup>41</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, capítulo F.

disseminação de interpretações superficiais, via mídia, exige curadoria e formação teológica cuidadosa.

De fato, a inteligência artificial abre janelas fascinantes — tradução assistida, chat-bots bíblicos, apps interativos — mas requer regulamentação ética, transparência e discernimento. Assim sendo, engajar a geração digital com a Sagrada Escritura pode implicar em lançar mão de formatos multimídia (vídeos, podcasts, apps personalizados), capazes de envolver quem cresceu entre telas e fluxos visuais rápidos, mantendo-se fiel à Palavra viva que a *Dei Verbum* proclama.

Como se percebe, muito foi e tem sido realizado, e isso é relevante no trabalho de difusão das Escrituras. Por outro lado, a luta continua e há muito que fazer; afinal, a difusão das Escrituras sempre acompanhará a história da Igreja. O Concílio Vaticano II abriu a porta da Bíblia; cabe à Igreja Católica manter essa porta aberta. Nesse sentido, Vasconcelos, ao dissertar sobre a importância da Bíblia na Igreja a partir do Concílio, serve de conclusão a esta seção, ao destacar que “os padres conciliares não temem reconhecer, mesmo implicitamente, que muito está para ser feito, e em boa parte porque os séculos anteriores priorizaram a restrição ao acesso à Bíblia”<sup>42</sup>.

## Conclusão

As transformações promovidas pelo Concílio Vaticano II, especialmente por meio da constituição dogmática *Dei Verbum*, recolocaram as Sagradas Escrituras no centro da vida e da missão da Igreja Católica. Esta análise percorreu três eixos principais: o contexto histórico e as motivações do Concílio, a aplicação prática da *Dei Verbum* na liturgia, catequese, pastoral e diálogo ecumênico, e os desafios contemporâneos relacionados à interpretação, ao diálogo cultural e à prevenção do fundamentalismo.

Ficou evidente que a *Dei Verbum* não apenas impulsionou a leitura pessoal e comunitária da Bíblia, como também estimulou traduções em línguas vernáculas, favoreceu colaborações ecumênicas e fortaleceu a presença da Palavra de Deus na liturgia e na catequese. Essas iniciativas deram origem a

---

<sup>42</sup> VASCONCELOS, P. L., O Vaticano II e a leitura da Bíblia, p. 45.

movimentos concretos na vida eclesial, como círculos bíblicos, Comunidades Eclesiais de Base e novas formas de evangelização.

Ainda assim, os desafios permanecem. É necessário manter o equilíbrio entre Escritura, Tradição e Magistério, aprofundar os critérios de interpretação à luz dos gêneros literários e do método histórico-crítico, evitar leituras fundamentalistas e dialogar com as culturas contemporâneas de maneira lúcida, sem perder a fidelidade à identidade teológica da Igreja.

Preservar o legado conciliar é um compromisso contínuo, mas é igualmente urgente reinterpretá-lo à luz das exigências pastorais de cada tempo. A abertura à Palavra de Deus, fortalecida pelo Vaticano II, deve continuar a inspirar a evangelização, a espiritualidade e a missão eclesial. Manter “a porta da Bíblia” aberta não é apenas um desafio institucional — é uma oportunidade vital para que a Igreja siga ouvindo, anunciando e vivendo a Palavra que salva.

## Referências bibliográficas

KOMONCHAK, J. La lucha por el concilio durante la preparación. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org.). **Historia del Concilio Vaticano II**. Salamanca: Peeters Leuven; España: Ediciones Sigueme, 1999. p. 155-331. v. I.

BENTO XVI, Papa. **Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da plenária da Pontifícia Comissão Bíblica**. Vaticano, 23 abr. 2009. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20090423\\_pcb.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090423_pcb.html)>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raymond E. **The Critical Meaning of the Bible**. New York: Paulist Press, 1981.

CANNUYER, Christian; POSWICK, Réginald-Ferdinand. Catolicismo e Bíblia. In: LONGTON, Joseph; POSWICK, Réginald-Ferdinand (Orgs.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola / Paulinas / Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 289-283.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 6. ed. Petrópolis: São Paulo: Editora Vozes, 2000.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A leitura popular da Bíblia e a V Conferência do CELAM. **Atualidade Teológica**, v. 11, n. 25, p. 76-103, jan./abr. 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Dei Verbum** — Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV. **Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã:** Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. Conclusões de Santo Domingo. São Paulo: Loyola, 1992.

CONGAR, Yves. **Verdadera y falsa reforma en la Iglesia.** Salamanca/España: Ediciones Sígueme, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et spes.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 27 ago. 2025.

FITZMYER, Joseph Augustine. **A Bíblia na Igreja.** São Paulo: Loyola, 1997.

GERONE JUNIOR, A. **Uma história da difusão das Escrituras Sagradas:** a atuação das Sociedades Bíblicas no Brasil. Rio de Janeiro, 2018. 400p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35956/35956.PDF>>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GUDORF, Christine. O magistério e a Bíblia: a experiência norte-americana. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, n. 233, p. 90-101, 1991.

JOÃO XXIII, Papa. **Humanae Salutis:** bula de convocação do Concílio Vaticano II. Roma, 25 dez. 1961. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_john-xxiii\\_apl\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_letters/documents/hf_john-xxiii_apl_19611225_humanae-salutis.html)>. Acesso em: 14 ago. 2025.

LOPES, Geraldo. *Dei verbum*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

LORTZ, Joseph. **Historia de La Iglesia**: em la perspectiva de la historia del pensamiento. Antiguedad y edad media. Madrid: Ediciones Cristandad, 1965. v. I.

LORTZ, Joseph. **Historia de La Iglesia**: em la perspectiva de la historia del pensamiento. Edad moderna y contemporanea. Madrid: Ediciones Cristandad, 1965. v. II.

MALZONI, Cláudio Vianney. **As edições da Bíblia no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MANNUCCI, Valério. **Bíblia, Palavra de Deus**: curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1985.

MESTERS, Carlos. **A Bíblia na nova evangelização**. Belo Horizonte: [s.n], 1991.

MESTERS, Carlos. **Eclesialidade e missão**: reflexões a partir da Bíblia. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1992.

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa**: uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.

MESTERS, Carlos. Ouvir o que o Espírito diz às igrejas: a interpretação popular da Bíblia no Brasil. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, n. 233, p. 112-123, 1991.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2012.

PONTÍFICIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2010.

PIO XII, Papa. *Divino Afflante Spiritu*: encíclica sobre os estudos bíblicos. Roma, 30 set. 1943. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_30091943\\_divino-afflante-spiritu.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html)>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SCHWANTES, Milton. **Bibliografia bíblica latino-americana**. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1995.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **O Vaticano II e a leitura da Bíblia.** São Paulo: Paulus, 2015.

*Acyr de Gerone Junior*

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Barueri / SP – Brasil  
E-mail: acyrjr@gmail.com

Recebido em: 15/08/2025

Aprovado em: 18/12/2025